

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NA FORMAÇÃO DOCENTE

VÂNIA DAL PONT PEREIRA DA SILVA¹
MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹*UFPel- Universidade Federal de Pelotas – vaniadalpont@gmail.com*

²*UFPel- Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma descrição do projeto de pesquisa de qualificação do doutorado em Educação intitulada: Formação Docente e Produção de Vídeo Estudantil: desafios e potencialidades no processo educacional, que pretende debater sobre questões relacionadas a produção de vídeo estudantil e a formação docente na Educação Básica de escolas da rede pública brasileira. A pesquisa analisa professores da Educação Básica que produzem vídeo com seus alunos.

Vive-se em um mundo de constantes mudanças, muitas delas viabilizadas pela tecnologia, que diminuiu a distância entre as pessoas e possibilitou que seus usuários, mesmo sem conhecimento técnico pudesse produzir vídeo e assim, saíssem do *status* de espectador e se tornassem produtores de conteúdo. Essa mudança social ocorrida na área da comunicação nos últimos anos, alcançou a escola onde é possível apreciar vídeos estudantis produzidos por professores e alunos. Segundo KENSKY (2001), o emprego das tecnologias de informação causa uma mudança considerável no processo de ensino, quando este consegue integrar todas as tecnologias disponíveis, tais como: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais a serviço de uma aprendizagem pertinente e significativa.

Apesar da produção de vídeo estudantil ser uma realidade em muitas escolas brasileiras, PEREIRA e JANHKE (2012) afirmaram que muitos professores não possuem formação para trabalhar com a produção de vídeo. Para os autores, mesmo sem capacitação, adequações e materiais apropriados voltadas para produção de vídeos estudantis, professores e alunos criam festivais e mostras de vídeos que estão espalhados em diversas escolas brasileiras, como é o caso do primeiro festival de vídeo estudantil do Brasil criado em 2001 na cidade de Guaíba/RS.

De acordo com uma pesquisa realizada por PEREIRA e MATTOS (2017) que analisou os cursos de licenciatura das seis principais universidades do Rio Grande do Sul, foi concluído que os cursos de licenciatura ainda não apresentam disciplinas que contemplam a produção de vídeo estudantil como uma atividade pedagógica.

Diante deste contexto, muitos são os questionamentos que impulsionam a busca de saberes sobre a produção de vídeo estudantil e a formação docente dentro do cenário atual da educação. Estas inquietações referentes a temática apresentada, constituem o objetivo desta pesquisa que visa responder a seguinte questão: Como um professor da Educação Básica sem ter formação para usar a tecnologia de modo pedagógico produz vídeos estudantis com seus alunos? Esse é o problema principal da pesquisa, que busca compreender o que leva um professor a produzir vídeo com seus alunos, conhecendo este profissional que produz vídeo em sala de aula e identificando motivos pessoais e profissionais que o levam a produzir vídeo estudantil.

A pesquisa está dividida em cinco capítulos, sendo que no primeiro: “Focando na introdução: a fábrica de sonhos”, se apresenta a conexão da pesquisadora com a educação e a produção de vídeo estudantil. Apresenta-se também, uma pesquisa do tipo Estado do Conhecimento que contribuiu para a construção do *corpus* de dados para a escrita da tese. Efetivou-se uma varredura e uma revisão sistemática de produções acadêmicas, buscando por saberes advindos de dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e relatos publicados em diferentes sites, eventos, congressos e revistas realizados por pesquisadores de todo o Brasil, com a finalidade de elencar trabalhos onde os professores tivessem produzido vídeo estudantil com seus alunos. Como resultado foi possível constatar que mesmo com o crescimento da produção de vídeo estudantil nas escolas encontraram-se poucos trabalhos acadêmicos relacionados a como um professor da Educação Básica sem ter formação para usar a tecnologia de modo pedagógico produz vídeos estudantis com seus alunos.

Devido a carência de trabalhos desenvolvidos nesta área e dada a importância da formação docente, o segundo capítulo: Focando em formação: um filme em produção permanente”, dedicou-se a discutir este tema descrevendo a situação panorâmica da formação docente no Brasil, apontando autores, definindo cenários históricos que apresentam as principais diferenças entre o professor do século XX e o professor do século XXI, as mudanças ocorridas na educação durante este período e indicando reflexões sobre a formação inicial e continuada baseada em autores como NÓVOA (2009), TARDIF (2014), PIMENTA (1999), FREIRE (1991), entre outros.

No terceiro capítulo: “Focando em cinema e educação: de espectador a produtor” fala-se sobre a relação do cinema com a educação no Brasil, demonstrando o caminho, a relação, as investidas e as possibilidades do cinema/audiovisual com a educação do início do século até a produção de vídeo estudantil. Relata-se também quais foram os primeiros professores do início do século a se aventurar no mundo da produção de vídeo.

O quarto capítulo: “Focando em tecnologia e produção de vídeo estudantil: o novo sempre vem”, aborda o avanço tecnológico e a produção de vídeo estudantil, ressaltando que o novo sempre vem, trazendo consigo possibilidades e desafios. Para MORAN (2000),

As tecnologias possibilitam um novo encantamento na escola, nos professores e alunos: o processo de ensino/aprendizagem ganha um poder maior de comunicação, além de ser inovador e dinâmico (MORAN, 2000, p.137).

Como destaca o autor, as tecnologias possibilitam que o novo entre nas escolas, e esse “novo” que atravessou os muros escolares pelas mãos de alunos e professores, fez com que a produção de vídeo estudantil se tornasse uma realidade nas escolas brasileiras. Também neste capítulo se apontam as características da produção de vídeo estudantil e como ela acontece dentro do processo de ensino, apoiando-se em autores que defendem o processo educacional por meio das emoções e da subjetividade.

O quinto capítulo intitulado: “Focando em Metodologia: elaborando o roteiro”, comprehende a Metodologia da pesquisa de doutorado e será dividida em duas etapas. Em um primeiro momento pretende-se realizar uma pesquisa qualitativa, como diria GIL (2007, p. 17), “a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Se-

gundo o mesmo autor a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. E é o que se deseja compreender nos sujeitos da pesquisa, no caso os professores que produzem vídeo.

Ainda na primeira etapa da pesquisa, será utilizada a abordagem de estudo de caso, que segundo LUDKE E ANDRÉ (1986, p. 18), “visa à descoberta, mesmo que no investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo”, ou seja, o estudo de caso possibilita organizar todos os dados do objeto estudado mantendo em segurança a sua natureza e caráter.

Para definir os protagonistas desta história nesta primeira etapa da pesquisa, serão convidados um professor de cada região do Brasil, que atue na Educação Básica e obedeça aos critérios preestabelecidos pela pesquisadora. Para encontrar estes professores, será utilizado o banco de dados do Laboratório de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE/UFPel)¹ que desde o ano de 2012 desenvolve pesquisas, debates, capacitações e estudos relacionados a produção de vídeo estudantil em todo o Brasil. Para fazer parte da pesquisa será necessário que o professor passe pelos critérios pré-estabelecidos pela pesquisadora que se encontram no Quadro 1.

| Passos | Critérios |
|---------------|---|
| 1º | Como o foco desta pesquisa são os professores que produzem vídeo estudantil, pensou-se em convidar os professores que realizam vídeo há pelo menos cinco anos, pois estes teriam uma ação direta estabelecida com os discentes. |
| 2º | O professor teria que estar produzindo vídeos de forma contínua durante os últimos cinco anos (sem contar o ano de 2020 e 2021, em função da pandemia do Covid-19). |
| 3º | Ser professor da Educação Básica. |
| 4º | Ser professor de escolas públicas brasileiras. |
| 5º | Ser docente na ativa há pelo menos dez anos, pois assim esse docente teria experiência para poder analisar a produção de vídeo estudantil neste interim. |

Quadro 1 - Critérios para enviar o convite aos sujeitos da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2021.

Após analisar e escolher os sujeitos desta investigação com base nos critérios estabelecidos, será enviado um e-mail para estabelecer o primeiro contato e fazer o convite para participar da pesquisa.

Diante do aceite dos professores escolhidos, parte-se para a segunda etapa da pesquisa onde será feita uma entrevista individual de modo *online*, com cada um dos professores. Também será utilizado o instrumento do grupo focal, por meio de *webconferência*, para a coleta de dados. Para GATTI (2005) o grupo focal é “uma técnica de levantamento de dados muito rica para capturar formas de linguagens, expressões e tipos de comentários de determinado segmento” (GATTI, 2005, p. 12). Uma particularidade desta ferramenta é a influência intensa entre os sujeitos

¹ Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil (LabPVE/UFPel). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/labpve/>. Acesso: 16 ago. 2022.

participantes e o pesquisador, que tem por objetivo recolher dados a partir do debate focado em assuntos singulares.

Após a transcrição das entrevistas e dos debates feitos com o grupo focal, a autora pretende desenvolver a análise de dados e elencar as categorias de acordo com os dados coletos.

2. METODOLOGIA

A Metodologia deste trabalho consiste em uma apresentação descritiva do projeto de pesquisa de qualificação da tese de doutorado em Educação da autora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo ainda está em andamento, e não aponta um resultado, porém a pesquisa do Estado do Conhecimento demonstrou que existe uma carência nos trabalhos relacionados a formação docente e a produção de vídeo estudantil.

4. CONCLUSÕES

A conclusão será feita somente ao término da pesquisa, onde poderá ser demonstrado com clareza, como um professor da Educação Básica sem ter formação para usar a tecnologia de modo pedagógico produz vídeos estudantis com seus alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GATTI, Bernardete. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

KENSKY, Vani. **Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais**. In: BARRETO, R. G. (Org). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação.

PEREIRA, Josias.; JANHKE, Giovana. **A produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: UFPel, 2012.

PEREIRA, Josias.; MATTOS, Daniela Pedra. **A Utilização das Tecnologias na Prática da Sala de Aula: entre práticas e teorias que se distanciam**. VI CBE – Congresso Brasileiro de Educação. 2017.